



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Uma estátua para Rafael Hitlodeu

Fátima Vieira

Para citar este documento / To cite this document:

Fátima Vieira, "Uma estátua para Rafael Hitlodeu", *Colóquio/Letras*, n.º 186, Maio 2014, p. 9-41.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

UMA ESTÁTUA PARA RAFAEL HITLODEU

REFLEXÕES SOBRE UTOPISMO E DISTOPISMO NA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

E SOBRE OS CAMINHOS RECENTES DA NOVA UTOPIA BASEADAS
NO TESTEMUNHO INDESMENTÍVEL DE MIGUEL MARK

HITLODEU DESCENDENTE DE RAFAEL HITLODEU.

RELATADO FIELMENTE POR PESSOA

FIDEDIGNA.

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Conheci o Professor Pina Martins em 1998, pouco depois de ele ter publicado Utopia III. Li pois a obra antes de ter conhecido o autor. Estava na altura a fazer investigação sobre os novos caminhos do utopismo literário, e Utopia III surpreendeu-me pela forma refrescante como convidava o leitor a voltar às origens, revisitando a obra fundadora de Thomas More e sublinhando-lhe o valor especulativo, mais do que propositivo. Utopia III ajudou-me então a compreender melhor a distinção, proposta por Adalberto Dias de Carvalho¹, entre utopia política — que assenta na proposta de um plano de ação bem definido, um projeto (ou uma idealização, para utilizar a terminologia sugerida por Henri Maler)² — e utopia filosófica — que aponta para um ideal, recusando-se a definir os contornos de idealizações particulares e afirmando a sua vocação especulativa e adaptativa aos novos tempos.

Pareceu-me então — como me continua aliás a parecer — que encontramos em Utopia III um prenúncio de um sentido possível para o desenvolvimento do género literário utópico no século XXI, desenhado a partir de três aspetos correlacionados³. Em primeiro lugar, o aprofundamento de um discurso meta-utópico, isto é, o reconhecimento de que a narrativa utópica é herdeira de uma linha de pensamento que importa, uma e outra vez, criticamente visitar e revalidar. Em segundo lugar, a valorização da ideia de necessidade de exploração de alternativas capazes de ecoar de forma mais fiel os desejos e esperanças de sucessivas gerações. Por último, a ideia de que o leitor é necessariamente implicado nesse processo de exploração, sendo instado a proceder a uma leitura crítica, a compreender os jogos complexos de significado que se vão estabelecendo e a tirar conclusões próprias (o novo utopismo não é para leitores preguiçosos!).

Os jogos de significado são uma constante em Utopia III, a começar pelo facto de a obra surgir assinada conjuntamente por Pina Martins e por Miguel Mark Hitlodeu, personagem de ficção que se afirma descendente direto de Rafael Hitlodeu, o português que terá relatado a Thomas More, no início do século XVI, os usos e costumes utopianos.

Miguel Mark Hitlodeu traz a Pina Martins notícias sobre o desenvolvimento da utopia imaginada por More, que em finais do século XX adoptou o nome Nova Utopia, sendo constituída não por uma, mas por três ilhas: Nova Ânglia, Nova Lísia e Nova Ausónia, respetivamente imagens invertidas de Inglaterra, Portugal e Itália, ou talvez representações luminosas do que estas nações poderão vir a aspirar ser.

O presente texto, que crítica e fantasiosamente revisita Utopia III a pretexto de uma reflexão sobre o utopismo e distopismo português do século XX, constitui-se como homenagem ao Professor Pina Martins e à sua imaginação humanista, que o levou a acreditar sempre na capacidade de o ser humano se educar, progredir e sobreviver.

Fátima Vieira

I

VISITA INESPERADA DE MIGUEL MARK HITLODEU. — AS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS DE *UTOPIA* — A ESTÁTUA DE RAFAEL HITLODEU. — UMA REFEIÇÃO VEGETARIANA.

A Igreja do Marquês batia as doze badaladas quando, de regresso da mercearia, vi um homem montado numa bicicleta azul a espreitar pelo portão, para dentro do meu quintal. Tinha a certeza de nunca o ter visto antes, mas fui ao mesmo tempo invadida pela sensação de que aquela figura não me era totalmente desconhecida.

— Posso ajudá-lo? — perguntei, com ar intrigado. O homem ofereceu-me um sorriso franco enquanto me apertava a mão.

— Professora, é um prazer conhecê-la finalmente! — Como eu não desar-mava o ar de estranhamento, apressou-se a acrescentar:

— Miguel Mark Hitlodeu, julgo ter já ouvido falar de mim.

Devo ter ficado com uma expressão cómica, pois o meu interlocutor não parava de se rir.

— Vejo que não estava à minha espera. Mas eu sabia que era aqui que morava, no n.º 150.

O cabelo curto a fugir para o grisalho, espetado para cima, a emoldurar-lhe o rosto moreno. O corpo enxuto, ágil. Não, não se parecia de todo com a ideia que eu tinha de Miguel Mark Hitlodeu. Como descera da bicicleta para me cumprimentar, pude ver que era apenas ligeiramente mais alto do que eu. Quando o olhei nos olhos percebi que era ele.

— Entre. Não, não estava mesmo à espera.

Abri o portão para que entrasse com a bicicleta. Assustou-se com os cães.

— Na Nova Utopia, não há muitos cães nas grandes cidades. Perturbam a ordem, sujam as ruas. É mais habitual darmos com eles no campo, onde convivem de forma pacífica com os outros animais — disse ele em jeito de explicação.

— Da última vez que ouvi falar de si andava de carro, um espada azul, circulando a alta velocidade⁴ — comentei enquanto fechava um portão interior, impedindo que os dois cães negros incomodassem o visitante.

— Achei que lhe agradaria mais se viesse de bicicleta — respondeu, apontando para a minha pasteleira bege encostada ao muro. Pegou nos sacos de compras e entrámos em casa. Conduzi-o à sala de estar.

— Não estava de todo à sua espera — repeti.

— Tinha mesmo de vir. O governo administrativo da Nova Utopia deu-me dispensa, uma vez mais, para visitar livremente o mundo não utopiano. Lembre-se de que sou um dos 33 embaixadores itinerantes que têm como missão observar o que se vai passando fora da Nova Utopia⁵. Recolhi à Nova Utopia um ano depois de ter apresentado em sessão pública o livro que escrevi em conjunto com o Professor Pina Martins. E aqui estou, quinze anos depois.

— E ainda continua com essa obsessão pelos múltiplos de três?

— Então não ouviu o que disse o Professor Daniel Terrão na sessão de lançamento de *Utopia III*? — soltou um suspiro, parecendo desiludido.

— Claro que me lembro, não me esqueço de que o livro tem de ser lido no plano muito complexo do esoterismo triádico⁶. Por sua causa andei a fazer pesquisa sobre a teoria triárquica da inteligência de Sternberg.

— Não era preciso tanto. Bastaria que compreendesse a estrutura triádica de Hegel da tese, antítese e síntese. Chega para compreender o que Thomas More quis transmitir. Fernando Melro Roser percebeu bem a mensagem⁷: no Livro I de *Utopia* encontramos a tese, a descrição da Europa do início do século XVI; o Livro II oferece-nos a antítese, a ilha visitada pelo meu antepassado Rafael Hitlodeu, que obedece a um princípio de organização totalmente oposto; a síntese, o Livro III, confiou Thomas More que fosse o leitor capaz de a escrever...

Dizia isto enquanto eu olhava para ele com ar de quem conhece a história de cor e salteado. Tomei a palavra:

— Diga-me ao que vem.

— Desta feita, o governo administrativo confiou-me uma missão. Escolheu-me por eu ser descendente de Rafael Hitlodeu e por dominar bem tanto o português como o inglês. Venho ver como andam os preparativos para a comemoração dos quinhentos anos de *Utopia*.

— Ainda faltam dois anos, é só em 2016.

— E acha que tem muito tempo? — voltou a suspirar. Só soube do passamento do Professor Pina Martins⁸ na semana passada, quando cheguei a Lisboa e procurei atualizar-me. Quinze anos fora é muito tempo, precisava de saber o mais possível de uma assentada. Fui à Wikipédia, fiz busca por palavras-chave... Sabia que *Utopia III* não consta, na página da Wikipédia, da lista das «Obras Principais» do Professor?⁹

— Não olhe para mim, não fui eu quem inseriu a informação na página. Intensificou o ar de desilusão.

— Adiante. Se o Professor Pina Martins fosse vivo já teria tratado de estabelecer os contactos necessários para que as comemorações fossem condignas. Diga-me, tem notícias da estátua?

— Que estátua?

— Não quero acreditar que faça de conta que não sabe. Escolhi-a precisamente porque foi a única a falar da estátua. Ainda ontem estive na Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa a ler o seu artigo¹⁰. Achei que teria sensibilidade para compreender como é importante que Rafael Hitlodeu tenha uma estátua. A Thomas More, já foi feita justiça. Leão XIII beatificou-o em 1886, Pio XI canonizou-o em 1935, e os ingleses reservaram-lhe um dia para celebrar a sua vida — 22 de junho, que é também o dia de John Fisher, o único bispo que se recusou a reconhecer Henrique VIII como chefe supremo da Igreja de Inglaterra. É natural que os ingleses tenham querido homenagear um filho da pátria... mas e então o que planeiam vocês fazer para celebrar a vida de Rafael Hitlodeu, que levou o nome de Portugal a terras tão longínquas e desconhecidas como as da Utopia?

O meu silêncio deu a Miguel Mark Hitlodeu a informação que queria.

— Tem de fazer alguma coisa, Professora!

A conversa adiantava-se mais do que eu pretendia. Mas se, por um lado, sentia vontade de sumir dali, por outro não queria que Miguel Mark Hitlodeu abalasse. Precisava muito de falar com ele, saber o que acontecera entretanto na Nova Utopia e reunir informações para um artigo que estava a preparar.

— Posso convidá-lo para o almoço?

Vi que estava mesmo à espera do convite.

— Só se me permitir que a acompanhe à cozinha e a ajude.

Consenti, até porque não pensava fazer nada de muito complicado. Tinha sopa no frigorífico e trouxera da mercearia legumes colhidos de fresco, mesmo a pedirem que os regalasse num *wok*.

— Não sei se vai gostar do que estou a pensar servir ao almoço. Sou vegetariana.

— Eu também.

Olhei-o, surpreendida.

— Qual é a admiração? Então não percebeu como é que isto funciona? Thomas More escolheu um português, Rafael Hitlodeu, para herói da sua obra. Atribuiu-lhe as suas próprias ideias e os seus conhecimentos do grego e do latim¹¹. E, quanto a mim, não apareci do nada ao Professor Pina Martins. Pode não ter tido consciência disso, mas foi ele que me convocou. Quantas vezes não repetiu ele, em *Utopia III*, que quando eu falava era como se ele tivesse uma revelação interior, que não o abandonava a impressão de que as minhas palavras lhe eram conhecidas, que era como se eu fosse metade dele mesmo?¹²

— Assim se explica então a sua mudança física. Tive mesmo dificuldade em reconhecê-lo. A bicicleta, o corte de cabelo moderno, o ar saudável, estão bem mais à minha feição. E está bem conservado, parece muito mais novo do que é.

— Descobri que sem a barba grisalha fico melhor¹³. Então acha que pareço mais novo?

— Mas mesmo assim é velho para mim, não se ponha a piscar-me o olho, que lhe conheço bem as manhas! Lembro-me de como andou a namoriscar a funcionária do Instituto Internacional de Humanismo Skelianós-Kallierges¹⁴. Pode ser utopiano, mas não é nenhum santo!

— Pensei que lhe agradasse a bicicleta.

— E agrada, agrada — respondi baixinho, enquanto temperava a mistura de vegetais com molho de soja.

II

REFLEXÕES SOBRE O FUTURO. — O PROGRESSO TECNOLÓGICO NOS ANOS 2000 E 3000. — TÉCNICA COMPLEXA PARA MEMORIZAÇÃO DE LIVROS. — AS ESTÁTUAS DE LISBOA.

Para almoçarmos, tive de retirar de cima da mesa os livros, fotocópias e apontamentos que lá se encontravam espalhados e empilhá-los no aparador. Quando terminámos, Miguel Mark Hitlodeu voltou a pôr os maços de papéis e os livros, um a um, em cima da mesa.

— *Lisboa no Ano 2000*, de Mello de Mattos. Foi publicado pela primeira vez em 1904... Lembro-me de ter lido uma reedição, publicada há poucos anos, na Livraria Ler Devagar, em Lisboa¹⁵. Já lá esteve? Da última vez que vim a Portugal, a Ler Devagar estava no Bairro Alto; está agora na LX Factory, em

Alcântara. Passei seis dias em Lisboa e todos os dias lá fui. Tornou-se o meu sítio preferido — gente simpática, tertúlias e exposições estimulantes, e um fundo antigo mesmo a pedir para ser explorado.

Como não reagi, continuou:

— *Lisboa no Ano 2000* é uma publicação algo ingénua mas com o interesse de, lida mais de um século depois de ter sido escrita, cumprir a função de lembrar que mesmo aquilo que nos parece extraordinário, em determinada época, poderá ser concretizado no futuro. A descrição que Mello de Mattos nos oferece de uma Lisboa que se tornou o ponto de reunião das marinhas do mundo inteiro pode ser considerada utópica no sentido em que nela se sente a ânsia por um progresso tecnológico — bem patente na descrição do *Gil Eannes*, o maior vapor da carreira da *Norte Europa*, ou do túnel através do Tejo com mais de 6300 metros de extensão, uma boa parte dos quais por baixo do rio, ou ainda do processo de vendas eletrónicas através de um aparelho que muito se assemelha a um computador¹⁶. Mas este relato do futuro, feito na primeira década do século xx, deve mais a Júlio Verne do que a Thomas More — a narrativa não se concentra na construção de uma sociedade melhor, mas na exaltação da ideia de progresso tecnológico, capaz de gerar riquezas extraordinárias. Interessa mais a Mello de Mattos descrever a «Lisboa Bancária» — este é aliás o título de um dos capítulos da sua obra — do que oferecer uma explicação cabal do sistema de organização da sociedade. Já estes dois outros livros...

Miguel Mark Hitlodeu segurava na mão esquerda *Lisboa no Ano Três Mil*, de Cândido de Figueiredo¹⁷, e na mão direita *O Que Há-de Ser o Mundo no Ano Três Mil*, de Sebastião José Ribeiro de Sá.¹⁸

— ... são duas caricaturas de um futuro sombrio, fruto de uma aposta cega no desenvolvimento tecnológico — completei-lhe eu a frase. — O retrato que Ribeiro de Sá nos oferece é fascinante, sobretudo para quem se interessar por utopias e por tradução literária. Como se lê na capa, trata-se do romance de Émile Souvestre, *Le Monde tel qu'il sera*, que Ribeiro de Sá acomoda ao gosto português e faz publicar em fascículos em 1859. Seguindo a teoria da tradução naturalizada coeva do que deveria ser uma boa tradução, o escritor português verteu o livro de Souvestre para a nossa língua, mas tratou de lhe acrescentar mais um terço, pois o autor do texto original esquecera-se de relatar o que acontecerá aos portugueses no início do quarto milénio. Pois nada de bom nos espera... Mesquinhos, com o passar do tempo os portugueses irão encolhendo até se transformarem em anões; no ano 3000, os seus alimentos serão sardinha, laranja e vinho de origem química, fabricado em laboratórios; hão de entreter-se a fazer poemas e a assistir a corridas de gatos; os professores terão autorização para mendigar e o governo enriquecerá à custa dos contratos de tabaco; quatro quintos da população será formada por funcionários públicos. Martha e Maurício, os protagonistas do romance que visitam vários países do futuro,

não conseguem encontrar sentido nesse mundo repleto de *gadgets* inúteis, que refletem a lógica de uma sociedade que só conhece a noção de lucro e de onde a poesia e a fantasia foram erradicadas.

— Mas como a Professora tão sabiamente explicou...

— Vejo que continua com o mesmo feitio bajulador. Recordo que era em termos iguais que se dirigia ao Professor Pina Martins.

— Esquece-se novamente de que sou um reflexo de si. Se sou bajulador é porque gosta de ser bajulada...

— Eu? Nunca! Onde foi buscar essa ideia?

Miguel Mark Hitlodeu piscou-me o olho. Parecia divertido com a minha irritação.

— Dizia eu que a Professora defende que Ribeiro de Sá alterou, no processo de acomodação à língua portuguesa do texto de Souvestre, a mensagem original. Raymond Prousson estava certo quando afirmou que a obra é sinal claro do profundo ceticismo de Souvestre em relação ao futuro¹⁹. Mas a Professora estava igualmente certa ao afirmar que a versão portuguesa de *O Que Há-de Ser o Mundo no Ano Três Mil* é temperada pela mensagem de que é ainda possível evitar um futuro assim, desde que não se esqueçam os valores morais. A função distópica é deste modo cumprida num sentido positivo, na medida em que serve não de presságio de um futuro negro, mas de um futuro que temos de aprender a evitar.

Miguel Mark Hitlodeu empolgara-se com o discurso e gesticulava ferozmente para sublinhar a ideia de afastamento de um futuro igual.

— Mas essa interpretação positiva do futuro — intervim eu — só era possível a Ribeiro de Sá porque ele tinha, por um lado, esperança na concretização do aperfeiçoamento humano — encarado como um fenómeno universal e sempre determinado por Deus —, e, por outro lado, esperança em Portugal, com uma indústria a florescer de forma imparável e um conjunto de sociedades científicas e literárias que ele percebia como sinal de pujança intelectual.

— «Senhores! Todo esse maravilhoso prodígio civilizador que admiramos na Europa, nasceu da esperança que seus povos têm no futuro. Portugal não pode deixar de ter esta esperança [...], nenhum país tem mais a esperar do que ele [...] há de ser feliz e respeitado [...] Senhores! Portugal é um gigante [...], esse gigante não será menos respeitado, vestido com as roupas fabricadas nas suas manufacturas, e alimentado com os produtos da sua agricultura! [...] Senhores! é mister convencermo-nos de que não somos um cadáver.»²⁰

A voz de Miguel Mark Hitlodeu vibrava mais forte e os dedos das mãos esticavam-se num espasmo quando interpelava os portugueses. Metia medo.

— Credo! Sabe isso tudo de cor?

— Pois fique a Professora sabendo que nós, os embaixadores itinerantes, temos a memória extraordinariamente desenvolvida, pois só assim poderemos

relatar ao governo administrativo, com fidedignidade audiovisual, tudo o que vimos ou lemos durante a nossa estada no mundo não-utopiano. Para decorarmos um livro não demoramos mais do que 3 horas e 33 minutos. É uma técnica muitíssimo complexa que pressupõe um treino intensíssimo e que aprendemos com Bay Radbury. Praticamo-la, com excelentes resultados, desde 1953²¹. Lembre-se de que, no fim desta minha visita, só poderei levar comigo para a Biblioteca Nacional da Nova Utopia 333 volumes, cuidadosamente escolhidos²². Tenho de ter cuidado com o excesso de peso!

— Mas não sei se não terá perdido tempo decorando este livro. Sempre achei Ribeiro de Sá demasiado conservador. O retrato que nos oferece da mulher-mãe-fada-do-lar incomoda-me particularmente.

— Muito diferente do livro de Cândido de Figueiredo, publicado cerca de 30 anos mais tarde — perorou Miguel Mark Hitlodeu olhando para *Lisboa no Ano Três Mil*.

— A intensidade da sátira é semelhante, e a narrativa de Cândido de Figueiredo ecoa fielmente, em muitos aspetos, a de Souvestre e de Ribeiro de Sá — acrescentei eu, abrindo de novo o debate; não queria perder a oportunidade de perceber o que pensava o meu interlocutor sobre o assunto.

— É verdade. Encontramos no livro a mesma crítica à fé cega na ideia de progresso infinito, que faz com que o narrador se submeta a uma sessão de hipnotismo²³ aspirando a guindar-se ao vértice das civilizações. Mesmo típico da época — não se esqueça de que estamos a fechar o século XIX. Segundo a descrição de Cândido de Figueiredo, no ano 3000 a Europa e a Ásia serão as duas cortesãs decadentes da Austrália, a nação mais civilizada do mundo²⁴. O tom é realmente muito semelhante à narrativa de Ribeiro de Sá na descrição de invenções absurdas. O que eu me ri com a descrição dos livros do futuro, impressos em papel contínuo — por vezes com mais de um quilómetro — e apresentados num rolo, que obrigarão à escrita e à leitura de pé!²⁵

— Riu, Professora? Antes tivesse chorado! Então não reparou nas estátuas?

Olhei para ele, surpreendida.

— Ora faça lá um esforço de memória! Pois não reparou que quase todas as cartas de Terramarique, através das quais Cândido de Figueiredo fica com uma ideia mais exata do futuro das terras *portugalenses*, começam com a visita a uma estátua? Temos primeiro a estátua de D. José, na Praça do Comércio, que Cândido de Figueiredo descreve como representando um cavalo de bronze montado por um cavaleiro anónimo²⁶.

Miguel Mark Hitlodeu ia contando as estátuas com os dedos.

— Ah, e também a estátua de homenagem a José Estêvão, em S. Bento²⁷ — apressei-me eu, sorrindo prazenteiramente, qual estudante orgulhosa de ter aprendido bem a lição.

— Boa! E ainda a estátua do Marquês de Sá da Bandeira. E a de Camões, e os bustos de Garrett e de Emília...²⁸ Lembra-se das conclusões a que chegou a Professora na investigação que fez sobre as estátuas em *Utopia III*?

— Sim, parti da distinção que Rotodov traça entre memórias literais, que celebram um feito ou evento, e memórias exemplares, que apresentam modelos de conduta, e apliquei os conceitos às estátuas enquanto monumentos de memória²⁹.

— E demonstrou assim que as estátuas da Utopia Nova são todas exemplares, na medida em que tentam inspirar as gerações a seguir uma conduta modelar, tornando-se assim agentes transformadores do seu tempo. Lembra-se do triste estado em que se encontravam as estátuas descritas por Terramarique?

— Numa lástima! Soterradas em lixo e entulho...

— ... como soterrados estavam os valores de Lisboa: a política feita com honra e ousadia por José Estêvão, a defesa dos valores liberais e reformadores por Sá da Bandeira, a voz impoluta da alma de poeta de Camões... E lembra-se de como encontrou Terramarique os bustos de Garrett e Emília, dois nomes gloriosos da história do teatro? Cobertos de pó e de vergonha, rodeados de fragmentos de loiça e de estatuetas, no sítio onde antes existira a *Feira da Ladra*³⁰!

— «Envergonhavam-se essas estátuas da decadência que se abateu sobre a nação enquanto bebiam vinho legítimo do *Cartaxo*: o ideal de 2250000 portugueses era a reforma, como a aposentação era o ideal de outros 2250000; havia também 2250000 que tinham por ideal o Sindicado; e o ideal dos restantes era a sorte grande.»³¹ Viu? Também decorei estes números e não fui sequer submetida ao intensíssimo treino radburyano.

— Começo a achar que a Professora tem uma costela utopiana... Será que é da família do Padre António Vieira?

— Não imagina as vezes que já me perguntaram isso!

III

UMA VISITA À BIBLIOTECA MUNICIPAL DO PORTO. — EM BUSCA DE TÍTULOS UTÓPICOS E DISTÓPICOS DE AUTORES PORTUGUESES DO SÉCULO XX. — O ANTIFEMINISMO DE *DITADURA FEMINISTA*? — DO FASCÍNIO PORTUGUÊS PELO NEVOEIRO.

No dia seguinte, encontrei-me com Miguel Mark Hitlodeu no balcão de receção da Biblioteca Municipal do Porto. Chegara lá antes de mim e fui dar com ele em plena animação com a funcionária.

— Vamos lá — disse quando me avistou. — Já tenho o cartão de leitor.

— Piscou o olho para a senhora simpática. — Fico a dever-lhe uma! — E, virando-se para mim: — Estou contente por ver que já modernizaram o sistema!

— Infelizmente, nem tudo está modernizado... É certo que se nota uma evolução, mas muitos livros anteriores a 1920 não foram ainda inseridos na base de dados — disse eu, enquanto o empurrava na direção dos ficheiros.

— Ora, não faz mal nenhum, não sabe o prazer que me dá mexer nestes cartõezinhos amarelecidos por dedos curiosos! Deixo-a à vontade para fazer a sua pesquisa, cara Professora, eu cá fico nos ficheiros didascálicos, na minha letra preferida!

Miguel Mark Hitlodeu tinha estacado mesmo à frente da letra S.

— Boas descobertas por entre o nevoeiro!

Respirei fundo e dirigi-me à Sala de Leitura.

Levara uma lista longuíssima de títulos, fruto de horas e horas percorrendo os ficheiros da Biblioteca em busca de textos portugueses de feição utópica à espera de serem redescobertos. Só podia pedir seis livros de cada vez, e a sensação de frustração era grande — minha, mas também do funcionário que diligentemente me trazia as obras à mesa 3 — quando eu abria um volume para logo o pousar, concluindo que se tratava de um título enganoso: *Um Novo Mundo Perfeito, Os Atlantes, A Ilha dos Cozinheiros...* livros de poesia ou para o público juvenil, mas nada do que eu esperava, uma descrição de uma sociedade melhor ou pior, uma utopia ou distopia escrita por um autor português! Até que o senhor cansado de tanto empurrar o carrinho entre o depósito e a mesa 3 me confiou *Uma Viagem à Fobolândia*, de Fidelino de Figueiredo.

Examinei a publicação com minúcia: «Quasi Novela», ostentava a primeira das nove páginas em letra miúda que compunham o livrinho³². Reconheci, nas entrelinhas deste texto de 1929, a mesma crítica que Fidelino de Figueiredo ferozmente tecera em outros locais contra o absolutismo português tacanho, fechado aos avanços da ciência e da democracia. E, contudo, era precisamente para os perigos da ciência, quando controlada pelo poder político e quando o cientista não assume a atitude de um intelectual, que Fidelino de Figueiredo parecia querer alertar em *Fobolândia*. A narrativa centra-se na figura de um grande químico e fisiologista, Bernhard Wilpert, que gerara polémica ao contestar as ideias de Sérgio Voronoff³³ acerca da consecução da longevidade e rejuvenescimento do género humano por meio do enxerto de tecido glandular de macaco. Na opinião de Wilpert, esse enxerto produziria um maior vigor sexual, mas provocaria um grave desequilíbrio de toda a personalidade: muito provavelmente, o homem degeneraria em antropoide³⁴. A narrativa passa depois para Mylesas, a Ilha Maldita, ou Fobolândia (Terra do Ódio),³⁵ onde Wilpert monta laboratório. A convite do rei Zebú, que falhara no seu plano de europeizar os seus súbditos, Wilpert submete as águas da ilha

a um tratamento, usando-as para fazer o povo afinar pelo mesmo metrónomo, rebaixando-o ao unanimismo³⁶. É clara a forma como Fidelino de Figueiredo reage ao «anti-individualismo» que parecia estar a assolar o Ocidente, como é óbvia também a crítica à falta de ética de Wilpert, o cientista que detém *saber*, mas a quem falta a *compreensão* do mundo.

Requisitei então mais um livro de Fidelino de Figueiredo, *O Dever dos Intelectuais*, e nele encontrei as palavras que confirmaram as minhas suspeitas: apesar de ter oferecido em *Uma Viagem à Fobolândia* uma visão negativa das possibilidades de desenvolvimento da sociedade, o autor tinha fé na figura do *intelectual* que, capaz de *compreender*, poderia afirmar-se como agente transformador da História³⁷:

Intelectual é, creio eu que seja o homem que se aplica a compreender, interpretar e julgar, a erguer-se a uma esfera superior de valores, ansioso de alargar o seu horizonte e de localizar cada coisa na perspectiva dum vasto conjunto. Intelectual é o que a etimologia aponta: todo aquele que forceja por entender e transportar para a sua exegese quotidiana da vida as perspectivas e aquisições do seu entender; é o homem que só pela consideração da verdade ordena as suas aquisições, *ad solam veritatis considerationem*, no velho dizer do intelectualíssimo S. Tomás de Aquino, qualquer que seja a sua profissão, mesmo que literatura, ciência ou arte não faça.³⁸

Fui interrompida nos meus pensamentos por um toque no ombro.

— Professora, não quer vir tomar um cafezinho?

— Tomava um chá de boa vontade, mas estou à espera de outro livro...

O homem cansado de empurrar o carrinho depositou em cima da mesa mais um volume.

*A Ditadura Feminista?*³⁹ Já li! Pelo que conheço da Professora, não lhe vai agradar. Esse Silvestre Valente que assina o livro não é mais do que Ferreira de Castro. Poupo-lhe a leitura: é uma paródia ao movimento feminista das primeiras décadas do século xx. Crítica fácil, na verdade, que deve contudo ter sido hilariante para o público masculino coevo que, pela pena mordaz do autor, ia reconhecendo as personagens. Todas as feministas da altura se encontram lá representadas, embora com os nomes distorcidos por jogos de similitude: Ana Osório de Castro surge na novela como Ana da Costa Onofre; Adelaide Cabete é aqui Adélia Cedete; Maria Velede aparece como Maria Velada... Não imagina o tempo que perdi a tentar identificar as personagens, confrontando-as com a lista dos membros inscritos no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas! A história, em si, nada tem de interessante. Relata o sonho de Mary Goldsmith, feminista inglesa que é enviada a Portugal para revolucionar as feministas portuguesas, consideradas demasiado moderadas

pelas congéneres estrangeiras. No sonho, a revolução é alcançada e instala-se no nosso país uma ditadura feminista. Mas é sol de pouca dura: se, por um lado, as líderes feministas se mostram incapazes de governar, por outro lado as mulheres não feministas opõem-se à revolução. Não perca tempo com o livro, Professora, pois só se vai incomodar. E se anda à procura de utopias e distopias portuguesas, este livro não lhe vai alumiar o caminho: inscreve-se mais no reino da antiutopia, pela forma como tolhe, logo à partida, o sonho da transformação da sociedade que mulheres, como a inteligentíssima médica Adelaide Cabete, procuraram concretizar através de medidas tão necessárias como a melhoria da saúde pública, a defesa da higiene das grávidas e das puérperas, ou a proteção das mulheres e crianças desfavorecidas e vítimas de maus tratos...⁴⁰

Fiquei estupefacta.

— Tem a certeza de que Silvestre Valente é Ferreira de Castro?

— Não poderia ter menos dúvidas! O próprio Centro de Estudos Ferreira de Castro reconhece o pseudónimo e identifica a obra como um texto satírico de 1925⁴¹.

— Pois custa-me a acreditar que Ferreira de Castro, o escritor libertário, que sempre se opôs a todo e qualquer ideário político opressor, que considerava que a dignidade humana só seria conseguida em liberdade, pensasse que esses conceitos só seriam aplicáveis ao género masculino! Vou querer ler *A Ditadura Feminista*, vou sim! Tenho de encontrar uma explicação para o que me diz sobre este texto. Ter-se-á dado o caso de estar Ferreira de Castro de tal modo pressionado pela necessidade de subsistir — ele, que vivia exclusivamente da escrita — que aceitou escrever um texto assim monstruoso, satisfazendo os leitores antifeministas, não tendo tido coragem para o assinar com o seu próprio nome? Não, não acredito... O seguidor de Proudhon e de Kropotkin, a quem repugnava todo e qualquer tipo de repressão sobre o seu semelhante, não seria capaz de uma coisa assim!... A não ser... disse-me o meu caro Amigo que a revolução das mulheres conduziu a uma ditadura? Pois uma explicação possível poderá ser encontrada precisamente na ética anarquista de Ferreira de Castro, que o fazia repudiar todo e qualquer tipo de uniformização totalitária dos modos de pensar e agir. Nesta óptica, porque o escritor defendia que a adesão a novos modelos de sociedade deveria ser *natural* e não imposta, terá ridicularizado a aspiração à construção de uma sociedade dominada pelas mulheres, facilitada por uma revolução que se teria limitado a substituir uma forma de opressão por outra forma de opressão⁴² Mas claro que tenho de ler o livro para verificar se estas hipóteses são válidas...

— Pois eu também vou relê-lo, Professora, mas temo que a sátira ao movimento feminista seja de tal forma forte que não consiga deixar transparecer as tais intenções libertárias que reconhece ao autor de *A Selva*...

Levantei-me bruscamente, impaciente com a suspeição que Miguel Mark Hitlodeu lançara sobre as intenções de um dos autores maiores da literatura portuguesa:

— Vamos lá então tomar alguma coisa.

Para desilusão de Miguel Mark Hitlodeu, a Biblioteca Municipal do Porto não tem um bar. Fomos por isso às máquinas de bebidas, junto da escadaria de pedra que leva às salas de leitura, buscar um café e um chá. Enquanto sorvia a bebida encostado a uma das máquinas, o meu amigo utopiano ia-me dando conta das suas descobertas sebásticas:

— É a minha secção preferida: é impressionante a quantidade de livros que dão conta da eterna espera do Encoberto! Revisitei hoje, por exemplo, um texto de 1917, *Ilhas de Bruma*, do conhecido defensor do Integralismo Lusitano Afonso Lopes Vieira:

Sempre Bem-vindo e Esperado,
quando vens, rei e senhor,
através do mar salgado,
com gente de grão valor?

Sempre calados... In da hoje
não chegou o Encoberto.
Mas a Esperança não foge
e a manhã há-de vir perto!⁴³

— Era capaz de passar um ano inteiro nesta biblioteca só a ler textos sebásticos! — O olhar de Miguel Mark Hitlodeu ficou mais vivo. — Já viu como são esperançosos?

— O problema é o que podemos nós fazer com tanta esperança que não é nunca satisfeita...

Regressámos ao piso dos ficheiros, pois Miguel Mark Hitlodeu insistia que eu tinha de ler *O Licor Vermelho*, de Gambetta Neves, mas o livro só estava disponível na Biblioteca Nacional.

— Não posso ir a Lisboa ler o livro — disse eu. — Preciso de entregar o artigo ao Bruno Prúdice dentro de dias, e ainda tenho material para trabalhar em casa.

— Se Maomé não vai à montanha... vai a montanha a Maomé! Deixe que eu trato disso.

Miguel Mark Hitlodeu dirigiu-se ao balcão das informações. De longe, vi-o falar com uma mulher elegante, que reconheci como sendo minha vizinha. Ria-se muito para ela, gesticulava, falava, e eu pensava no que falaria ele. A senhora elegante rabiscou qualquer coisa num papel.

— Já está tudo resolvido — disse Miguel Mark Hitlodeu quando veio ter comigo. Vão mandar vir de Lisboa fotocópias do livro. Estarão aqui dentro de três dias. Aquela senhora simpática, de olhos azuis penetrantes, vai jantar comigo e trazer-mas mal cheguem. A Professora tem sido simpática comigo, mas não se disponibilizou para me mostrar a *movida* do Porto. Não se esqueça de que na Nova Utopia não temos a excitação e o frenesi noturnos da cidade portuense.

À saída da Biblioteca, depois de termos ido buscar os nossos sacos à recepção, ofereci um livro ao meu visitante utopiano.

— Comprei-lho hoje de manhã, pois sabia do seu gosto por temas sebásticos. Tem dedicatória e tudo. É para levar para a Biblioteca Nacional da Nova Utopia.

Tratava-se de *A Hora das Neblinas*, de Rui Miguel Saramago⁴⁴.

— Sei que vai gostar, meu caro amigo. Tem estátuas e tudo. E mostra o que acontece quando um país como o nosso, que passou a vida à espera de D. Sebastião, não é capaz de o reconhecer quando ele finalmente chega...

— Professora, surpreende-me, não sei como hei de agradecer...

— E se fosse falar na sexta-feira aos doutorandos da Especialização em Estudos sobre a Utopia?...

IV

**A PALESTRA DE MIGUEL MARK HITLODEU. — OS ACHAMENTOS
PORTUGUESES. — TRÊS UTOPISTAS LUSOS. — NOVAS DA NOVA UTOPIA.
— A VISITA PROGRAMADA PARA 2016.**

Tive de esperar cerca de quinze minutos por Miguel Mark Hitlodeu no bar dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O meu visitante utopiano chegou com ar esbaforido e olheiras profundas.

— Professora, perdoe-me o atraso. Aquela sua vizinha levou-me ontem a jantar, e depois de termos ouvido um concerto de música eletrónica no Bons Hábitos, acabámos a noite a passear o copo pelas ruas da Baixa! Não estou habituado a tanta agitação — disse Miguel Mark Hitlodeu num sorriso largo.

— Pois eu gostava de saber se o relatório com fidedignidade audiovisual que vai fazer ao governo administrativo da Nova Utopia incluirá essas suas excursões noturnas...

Miguel Mark Hitlodeu aceitou um café apressado e dirigimo-nos ao Departamento de Estudos Anglo-Americanos, no segundo piso da Torre A. Eu pedira à secretária do Departamento, Dr.^a Helena Filhós, para diligenciar a colocação de pelo menos 60 cadeiras na sala, pois não sabia quantas pessoas

viriam assistir àquela Sessão Aberta do Curso de Doutorado. Quando entrámos na sala, já atrasados, encontrámos apenas dez pessoas: duas doutorandas e os suspeitos do costume do grupo de investigação em Estudos sobre a Utopia. Senti-me incomodada: Miguel Mark Hitlodeu vira decerto nas paredes da Faculdade os *posters* apelativos que o João Pinheiro havia feito, publicitando a excecionalidade da visita de um descendente de Rafael Hitlodeu àquela Casa.

Enquanto nos acomodávamos, entrou a Márcia Remos empurrando um carrinho duplo.

— Peço desculpa, tive de trazer os gémeos, mas prometo que ficam sossegadinhos.

— Pois esse é o público que mais me apraz ter — disse, sorrindo, Miguel Mark Hitlodeu. Sentindo o meu embaraço, sossegou-me: — Pois aqui estamos quinze, um número perfeito para começarmos uma revolução!

A revolução de que Miguel Mark Hitlodeu nos queria falar era de ideias... Começou por dissertar sobre a necessidade de se estudar a geografia das utopias, enquadrando-a no pensamento português:

— Os portugueses propuseram um novo conceito geográfico, o de *espaço marítimo*. As descobertas marítimas ofereceram às outras nações novos horizontes e um novo entendimento da relação do indivíduo com o mundo. Nas primeiras décadas do século XV, Portugal era o único país com os conhecimentos náuticos e geográficos necessários à navegação transoceânica. Apesar de normalmente se evocar as descobertas marítimas como um projeto ibérico, a verdade é que elas começaram por ser exclusivamente portuguesas. A primeira viagem transoceânica realizada por Cristóvão Colombo em nome da Coroa espanhola data de 1492, sete décadas depois de os portugueses terem começado a atravessar o mar. Para além disso, os conhecimentos que Colombo tinha de navegação, orientação, marés e ventos, tinha-os aprendido com os portugueses, aquando da sua estada em Lisboa e em Porto Santo.

Mas o que importa salientar é que, muito antes de ter sido atravessado, o Atlântico fora imaginado. A imaginação portuguesa recusara-se a pensar o mar como um imenso espaço vazio, pelo que nos séculos XIV e XV grassaram as descrições de ilhas exóticas. Quando se aventuravam no mar, os marinheiros portugueses não partiam ao acaso: deixavam a costa lusa com o objetivo de encontrarem ilhas que sabiam lá estar — daí que nos relatos coevos seja utilizada não a palavra *descobrimto*, mas *achamento*. Claro que muitas ilhas não foram *achadas*, pois eram o produto óbvio de uma imaginação fértil, mas o que é realmente essencial compreendermos é que aquilo que era originalmente um mito (a existência de ilhas abençoadas, como por exemplo a ilha de S. Brandão ou a Lagoa das Sete Cidades) transformou-se em utopia. A verdadeira utopia portuguesa consistiu na tentativa de provar que a geografia imaginada era uma geografia verdadeira⁴⁵.

Com esta introdução, Miguel Mark Hitlodeu atingira o ponto que pretendia, e a partir daí dissertou sobre a necessidade de, seguindo o exemplo dos nossos antepassados, continuarmos a imaginar ilhas — que funcionarão como referências luminosas — para depois as *acharmos*.

A Joana Paestrano, que ia tomando apontamentos de tudo quanto o palestrante utopiano dizia, pediu-lhe que explicasse, em traços breves, como se organiza a nação luminosa chamada Nova Utopia, pois não tínhamos notícias dela há já quinze anos. Olhando para mim, Miguel Mark Hitlodeu disse:

— Agora andamos todos de bicicleta — e pôs-se a rir muito, até se engasgar.

Os outros olhavam-no, atónitos. Finalmente, o nosso palestrante recom pôs-se, limpou os olhos humedecidos e tirou da mochila um conjunto volumoso de 333 páginas datilografadas:

— Deixo-vos aqui, como fiz com o Professor Pina Martins quando o visitei em 1998, o relato dos últimos anos. Posso contudo fazer-vos um resumo das alterações de maior relevo, começando pela mais extraordinária, o facto de as três ilhas que o Professor e eu descrevemos em *Utopia III* se terem juntado numa só. Os nossos geógrafos estão ainda a tentar perceber o que aconteceu, mas a hipótese mais provável é que uma força magnética se tenha desenvolvido a partir do reconhecimento de características comuns às três ilhas. Pois bem, hoje as ilhas estão dispostas em triângulo, com o território correspondente à Nova Ânglia e à Nova Ausónia na parte de trás e o da Nova Lísia na parte da frente. O curioso é que a ilha está agora em movimento, e, embora a deslocação anual seja detetada apenas pela tecnologia de ponta dos nossos geógrafos, o certo é que está a mover-se em direcção à Península Ibérica.

— Se vem ter connosco, terá então de se despachar — observou sagazmente o Miguel Florete. — De acordo com *A Jangada de Pedra*, Portugal e Espanha estão a mover-se em direcção à África e à América Latina!

— Levei comigo para a Nova Utopia, aquando da minha primeira visita ao mundo não utopiano, esse livro de José Saramago, publicado em 1986. E quero que saibam que não são apenas os nossos geógrafos que estão a estudar atentamente a predição luminosa do Nobel português: criaram-se na Nova Utopia grupos de reflexão para a análise do grau de incandescência da ideia saramaguiana⁴⁶. *O Conto da Ilha Desconhecida*, esse texto radioso que Saramago fez publicar anos mais tarde, é de leitura obrigatória na instrução primária. Todos os neo-utopianos sabem de cor o diálogo do rei com o homem que lhe pede um barco para procurar a ilha: «A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei [...], A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida»⁴⁷.

No ensino secundário, são estudados outros pensadores luminosos. A obra de Fernando Pessoa, por exemplo, é abordada de um ponto de vista

profético-poético. Seguindo a interpretação do académico luso José Mil Reis, acreditamos que a expressão bíblica do Quinto Império na obra de Pessoa extrapola os limites geográficos e político-sociais de Portugal, devendo ser entendida como símbolo consagrado de uma esperança universal nas possibilidades humanas a descobrir. E seguimos também os ensinamentos desse sábio professor quando estudamos a forma como Agostinho da Silva trabalha, na sua obra *Considerando o Quinto Império*, a herança da esperança milenarista-utópica que recebe de Vieira e de Pessoa, propondo uma sistematização dos princípios gerais da organização social e de ação instigadora da vocação de perfeitabilidade e de transcendência do ser humano⁴⁸.

Miguel Mark Hitlodeu falara tão depressa que teve de parar por um momento para recuperar o fôlego. Aproveitei para comentar:

— Conheço bem o José Mil Reis; é meu amigo, e dos melhores utópicos que por cá poderá encontrar. Utópicos não são os que estudam as utopias, são aqueles que as imaginam e nelas acreditam.

— Pode dar-me então por favor o endereço desse ilustre mestre? Queria fazer-lhe uma visita antes de partir para Inglaterra, em missão de observação dos preparativos para os festejos dos quinhentos anos da *Utopia* nesse país.

— A Sofia Melro interrompeu a conversa:

— E o governo? Pode dizer-nos por favor como é hoje governada a Nova Utopia?

— E como são os jardins? — atalhou o Jorge Pastos.

— E quanto ao ensino universitário? — perguntou, curiosa, a Luísa Palato.

— Como se organizam as Humanidades? — inquiriu a Maria Teresa Fasquia.

— E a ligação às escolas? — indagou a Olga Garrett.

— E qual é o papel da mulher na sociedade? — perguntou com ar inquisitivo a Marinela Espreitas.

Miguel Mark Hitlodeu levantou ambas as mãos para pedir silêncio e apontou para as folhas datilografadas sobre a mesa.

— Tudo o que querem saber está naquelas folhinhas; terão de fazer o favor de as ler. Mas posso adiantar que o governo administrativo inclui agora obrigatoriamente gente jovem (33% dos seus membros têm de ter menos de 33 anos), que os clubes de reflexão se multiplicaram por todo o país, dedicando-se uns ao debate político, outros ao debate religioso e outros ao debate cultural (tendo o ensino universitário na área das Humanidades sido praticamente substituído por estes grupos), que a população, informada e na posse dos instrumentos necessários à *compreensão* de que falava Fidelino de Figueiredo, é rotineiramente consultada no que respeita às decisões de relevo para o país, que o governo *administra*, como queria Saint-Simon, em vez de *mandar* naquilo que julga ser seu, *que* os jardins, cuidados com o desvelo que

devemos à natureza, se encontram repletos de bancos de pedra, iguais àquele em que se sentaram Rafael Hitlodeu e Thomas More quando o primeiro fez ao segundo o relato sobre os usos e costumes dos utopianos, que as mulheres são reconhecidas como agente ativo e dinamizador da sociedade (não tendo de ficar em casa a cuidar dos filhos, como acontecia há quinze anos), que o casamento homossexual é reconhecido nos mesmos termos que o heterossexual, sendo garantidos iguais direitos em circunstâncias de adoção... No que respeita à propriedade, continuamos com o regime anterior, de propriedade vitalícia.

— Ainda há pouco tempo ouvi da boca de Cedric Jameston, um grande estudioso americano da utopia, que essa poderá ser a única solução para a nossa sociedade⁴⁹ — atalhei eu.

Fez-se silêncio. Foi o momento perfeito para dar a sessão por terminada.

Íamos a sair da sala quando a Elisabete Lopes, que está a escrever uma tese de doutoramento sobre comunidades intencionais, abordou Miguel Mark Hitlodeu para lhe perguntar se poderia visitar a Nova Utopia.

— Isso nem vale a pena perguntar — disse eu. — Ficou bem claro, em *Utopia III*, que a primeira visita só poderá realizar-se em 2025⁵⁰.

— Ora, Professora, então a mensagem utópica não é a de que temos de nos adaptar aos novos tempos e às novas necessidades? Se a Elisabete precisa de visitar a Nova Utopia, temos é de organizar a viagem.

Enquanto dizia isto, Miguel Mark Hitlodeu não parava de sorrir para a jovem doutoranda, que remexia com os dedos os caracóis loiros. Olhei para ele, estupefacta.

— Não se zangue, Professora, que a sua doutoranda não há de lá ir sozinha. Ia falar-lhe disso... Gostava muito de a convidar a visitar-nos em 2016, data prevista para a inauguração, nos jardins da Nova Utopia, do busto que prometemos ao Professor Pina Martins (bem perto dos bustos de Francisco de Sá de Miranda, Giovanni Pico della Mirandola, Desidério Erasmo e Thomas More)⁵¹.

O Jorge Pastos chegou-se então ao grupo.

— Jardins? Gostava muito de ir também para realizar um estudo comparativo entre os jardins utopianos e não utopianos.

— Não se apoquente, caro Professor. Há de ter certamente oportunidade de lá ir. A Professora vai ter carta branca para decidir quem estará na lista dos 33 embaixadores não utopianos que visitarão a Nova Utopia em 2016.

Pus-me a fazer mentalmente a lista dos utópicos que conheço, e que excede bem o número indicado, e exibi um ar aflito. Mas que grande dor de cabeça!

**UTOPIA E 25 DE ABRIL. — RAFAEL, PRIMO DE MIGUEL MARK HITLODEU.
— RAZIS & UTOPIA E A REVOLUÇÃO QUE FALTA FAZER. — A COMPRA
DE UM ROMANCE DISTÓPICO? — OS SENTIDOS DO ROMANCE E DA PEÇA
DE TEATRO O GRANDE CIDADÃO**

Saí com Miguel Mark Hitlodeu da Faculdade e fizemos juntos o percurso até à estação de metro da Casa da Música. O meu amigo utopiano parecia satisfeito:

— Grupinho interessante, este. Gente desempoeirada, com vontade de mudar a ordem das coisas. Senti ali a pairar o espírito revolucionário!

E ria-se, parecendo quase saltitar enquanto tentava acompanhar o meu passo apressado.

— É gente exigente, que quer estar informada — comentei.

— Sim, metralharam-me com uma data de perguntas! Só faltou perguntarem-me onde é que eu estava no 25 de Abril! Por falar nisso, a Professora também não me perguntou!

— E por que razão havia eu de perguntar se sei que a primeira vez que visitou Portugal foi em 1998?

— É verdade, não estava cá, mas tinha por cá família... Manuel Alegre, poeta que tenho em grande estima, chegou mesmo a escrever um livro sobre o meu primo Rafael, também descendente do nosso saudoso fundador utopiano por via materna.

— O Rafael é seu primo? Por acaso, agora que fala nisso, até são parecidos. — Parei para olhar melhor para Miguel Mark Hitlodeu. — Tirando a barba e o bigode... a estatura é semelhante... o Rafael talvez um pouco mais largo de ombros...

— Quer dizer, mais encorpado, Professora! — Miguel Mark Hitlodeu esticou-se muito, meteu a barriga para dentro e depositou as mãos junto do umbigo, para mostrar que não tinha nem um grama de gordura a mais... — Ainda não tive tempo para ler o livro... foi lançado depois do meu regresso à Nova Utopia.

— Sim, em 2004; li-o nessa altura. É o retrato de uma vida de errância... Rafael combateu na Guerra do Ultramar, foi preso pela PIDE em Luanda e, regressado a Portugal, partiu para o exílio, onde, juntamente com outros exilados, conjurou para derrubar a ditadura. A utopia estava bem presente nessas reuniões de expatriados, iluminadas pela esperança de uma nação que urgia construir⁵².

— Não me conte o final, cara Professora, que ainda não li o livro!

— Mas se o meu caro amigo conhece o final! A luz da revolução acendeu-se em 1974...

Miguel Mark Hitlodeu tinha tapado os ouvidos com as mãos, olhava para o chão e abanava a cabeça, dando-me a entender que não estava a ouvir — nem queria ouvir — nada do que eu dissesse sobre o assunto.

Parámos a meio do caminho para o meu amigo utopiano ir à Fulhosa levantar um livro que havia encomendado. Tratava-se de uma antologia que reunia alguns dos números da revista *Raiz e Utopia*, publicados entre 1977 e 1981.

— Li todos os números na Biblioteca Nacional quando cá estive, mas não pude levá-los comigo por causa do meu limite de 333 livros — explicou Miguel Mark Hitlodeu. — Esta antologia, lançada pelo Centro Nacional de Cultura, vem mesmo a calhar. — Examinou o índice: — Veja só, Professora, o número um, lançado na primavera de 1977! O Manifesto que abre a revista, assinado por António José Saraiva, Carlos L. Medeiros e José Baptista, não poderia ser mais atual. — Miguel Mark Hitlodeu afastou um pouco o livro e leu com voz solene:

A sociedade utópica baseada numa análise e numa crítica radicais pressupõe profundas modificações de estrutura não só ao nível das instituições juridicamente estabelecidas, mas pressupõe antes do mais toda uma transformação multiforme. Revoluções nos modos de pensar, sentir, de organizar o quotidiano; juntamente com revoluções no modo de produzir, ou seja, de organizar o trabalho e a tecnologia de modo libertador e transparente; revoluções no modo de consumir, no sistema de organização espacial da vida (urbana e não urbana), no modo de viver com as pessoas mais próximas no dia-a-dia; revoluções nas relações dos seres humanos com a natureza, uma revolução ecológica; e, o que não é menos importante, revoluções na relação de cada homem consigo próprio e na relação do homem com o outro, nomeadamente no que diz respeito ao saber e ao poder-autoridade, a todos os níveis da sociedade e quanto às grandes opções e alternativas da transformação social.⁵³

As últimas linhas foram lidas com a voz embargada; reparei que Miguel Mark Hitlodeu tinha os olhos humedecidos. Não querendo causar-lhe embaraço, fingi não ter reparado e arranquei-lhe o livro das mãos. Percorri o índice com o dedo e reconheci, com alegria, o nome de muitos dos homens e mulheres que, ao longo dos anos, contribuíram para aquela publicação: Helena Vaz da Silva, Eduardo Lourenço, João Bénard da Costa, António Mega Ferreira, Joaquim Manuel Magalhães, Edgar Morin, Jacinto Rodrigues, Agustina Bessa-Luís, Maria Velho da Costa, Ivan Illich, João Barrento, Marguerite Yourcenar... Fechei o livro.

— Vou comprá-lo também.

No caminho para a caixa, peguei em *Uma Noite não São Dias*⁵⁴, de Mário Zambujal. Tinha ouvido declarações do autor sobre o livro, apresentando-o como uma caricatura de Lisboa no ano de 2044, o retrato de uma sociedade ao invés desenhado a partir da exacerbação das potencialidades das novas tecnologias e das reivindicações femininas. Teria de o ler atentamente para aferir do seu interesse para o meu artigo.

Fizemos o resto do caminho em silêncio. Miguel Mark Hitlodeu estava ainda emocionado pelas palavras que lera, eu pensava na utopia e no 25 de Abril. Quando chegámos à paragem da Casa da Música, falei-lhe num outro livro que lera há uns tempos, e que não sabia se deveria incluir no artigo que andava a escrever para a *Colóquio/Letras*.

— *O Grande Cidadão?* — perguntou o meu amigo utopiano. — Conheço bem. Virgílio Martinho publicou primeiro o texto sob a forma de romance, em 1963.

— Eu li a adaptação para teatro, publicada em 76.

— E o que achou?

— É um texto distópico datado, que transmite bem o medo sentido aquando da ditadura. A semelhança com o texto orwelliano é clara, no retrato de um governo que tudo vê e tudo pune.

— Mas o sentido do romance e da peça de teatro diferem, porque foram publicados respetivamente antes e depois da Revolução. O romance dá conta do medo que sentiam os portugueses durante a ditadura, ao passo que Virgílio Martinho sentiu necessidade de encerrar o texto dramático com a fala do Homem Cartaz: «E assim termina a peça: uma fábula de aviso e prevenção contra males que nos podem voltar a acontecer. Digo-vos: não os deixem passar outra vez!»⁵⁵

Olhei para o relógio: estava atrasada para uma reunião na Câmara Municipal do Porto. Ouvira Paulo Tunha e Silvo dizer que o Porto seria a nova Davos do Futuro, e queria confirmar aquela notícia que prenunciava auspiciosos desenvolvimentos para a cidade junto do Vereador do Pelouro da Cultura.

Miguel Mark Hitlodeu dissera-me que passaria mais alguns dias em Portugal, mas que depois teria de abalar para Inglaterra. Não estava ainda preparada para o deixar partir:

— Queria convidá-lo a ir passar o fim de semana a Odeceixe. Gostava que conhecesse a minha família.

VI

DOIS VISITANTES. — VIAGENS. — UMA UTOPIA METAPSÍQUICA E OUTRA ANARQUISTA. — UTOPIA E VEGETARIANISMO. — FORMAS DIFERENTES DE AMAR. — O ADEUS A MIGUEL MARK HITLODEU.

Eram exatamente 9 horas quando uma buzina interrompeu o silêncio da noite. Miguel Mark Hitlodeu entrou em casa acompanhado por um jovem alto com ar de estrangeiro, cabelo loiro, muito liso, a bater-lhe nos ombros.

— Ora muito boa noite a todos! — disse enquanto dava um abraço apertado à Joana, à Clotilde e ao Bernardo, que olhavam para mim com ar de quem pede socorro. Virou-se depois para o Afonso: — Uma garrafa de vinho para o dono da casa.

O jovem loiro ficara para trás, mas Miguel Mark Hitlodeu instou-o a aproximar-se:

— Este é o Klaus, de Munique. Deu-me boleia desde o Cercal.

— Quer dizer que veio à boleia? Eu bem me ofereci para o ir buscar à estação de Santa Clara! — protestei.

— Qual quê! E perder a oportunidade de ficar a conhecer gente interessante? Já reparou que nos nossos dias só dá boleia quem é utópico?

— Como assim? — perguntou a Helena, irmã do Afonso, atraída à sala pelo barulho de vozes.

— Só quem confia nos outros, o mesmo será dizer, quem acredita na beleza da natureza humana!

Miguel Mark Hitlodeu fez uma espécie de vénia e agitou a mão no ar para dar passagem a Klaus, como se estivesse a anunciar um convidado importante numa recepção oficial. A Joana e a Clotilde olhavam para o jovem loiro, pouco mais velho do que elas, como que a confirmar que a natureza humana pode ser realmente bela. Miguel Mark Hitlodeu continuou:

— Desde que saí do Porto apanhei seis boleias e fiz o percurso em menos de nove horas!

— Ora bem — disse o Afonso —, o mínimo que podemos fazer é convidar o Klaus a ficar para jantar!

Deixámo-nos estar à mesa depois da refeição, tão animada estava a conversa. Falou-se de cinema, de música, de arte... e da natureza. Klaus explicou que era licenciado em Ciências do Ambiente e que vivia em Tamera⁵⁶, uma comunidade intencional perto de Relíquias, no município de Odemira. O visitante da Nova Utopia fazia-lhe uma pergunta atrás da outra, tentando perceber de que forma se organizavam os tamerianos, que soluções estavam a encontrar para a construção de um futuro sustentável, quais eram os resultados das experiências que estavam a fazer a nível da educação, a dimensão internacional dos projetos...

— Se pudesse — disse Miguel Mark Hitlodeu — ia passar uns meses a Tamera.

— E por que não há de ir? — perguntou a Clotilde, curiosa.

— Não tenho autorização do governo administrativo da Nova Utopia.

— Mas então que utopia é essa que não reconhece aos seus habitantes liberdade de movimentos? — desafiou o Bernardo.

Miguel Mark Hitlodeu levantou-se, embaraçado, e pediu à Joana:

— Esta guitarra é tua? Gostava muito de ouvir as músicas que tocas.

O resto da noite foi passado no terraço ao luar, as estrelas brilhando muito, como se estivessem lá apenas para nós, e o som da guitarra da Joana a sobressaltar as rãs do charco no sopé do monte.

Na manhã seguinte, o Afonso e eu fomos dar com o visitante utopiano de pé, em frente da estante da sala de estar, a olhar para o rio e os montes emoldurados pelo janelão de seis metros por três. A natureza, intacta, quieta, altiva, parecia saber que estava a ser observada.

— A Professora não me tinha preparado para isto — disse quando nos avistou. — Ontem, quando cheguei na escuridão, não me apercebi de que me estavam a oferecer uma paisagem assim.

Enquanto tomávamos o pequeno-almoço, Miguel Mark Hitlodeu fazia perguntas ao Afonso sobre a coleção de literatura de viagens que repousava nas estantes brancas da sala.

— Já vi que tem aqui títulos muito interessantes, fruto de uma seleção cuidadosa. Viajar é importante, sabe? — a pergunta não era tanto dirigida ao Afonso como a si mesmo. Continuou: — Li na antologia *Raiz e Utopia* que Marguerite Yourcenar terá certa vez afirmado: «A viagem é a única coisa que me interessa. Mas mal seria se se partisse para a viagem com uma ideia preconcebida. Viajar é deixarmo-nos penetrar pelo que vai acontecendo»⁵⁷. É isso que me sucede sempre que venho a Portugal, deixo-me penetrar pelas gentes que me acontecem, as músicas que ouço, os quadros que contemplo, e que me tornam diferente, e me fazem querer coisas que não supunha sequer existirem.

Enquanto dizia isto, Miguel Mark Hitlodeu não parava de fixar a estante. Levantou-se, dirigiu-se à segunda prateleira e tirou um livro.

— O meu amigo tem aqui uma publicação de um autor que interessa muito à Professora — disse o visitante utopiano exibindo um livro com aspeto antigo.

Tratava-se da obra *De Portugal a Macau: A Primeira Viagem Aérea*, de José Manuel Sarmiento de Beires. O Afonso levantou-se num salto e arrancou-lhe o livro das mãos. Adquiria uma energia impressionante sempre que o assunto era literatura de viagens:

— Li-o há tempos, um relato extraordinário de uma viagem feita aos soluços. Era no tempo em que voar era um ato heroico, uma autêntica prova física

e psicológica – o Afonso ia acompanhando as palavras com gestos, evocando a carlinga descoberta e a tempestade que apanhara desprevenidos Sarmiento de Beires e Brito Pais, forçando-os a rumar em direção a Cantão, já depois de terem sobrevoado Macau.

— O que o meu amigo é capaz de não saber — disse Miguel Mark Hitlodeu — é que Sarmiento de Beires acreditava que a aviação poderia contribuir para a construção de um mundo melhor. Quem explica isso muito bem é a Professora Isabel Gorujão, no admirável texto introdutório à reedição da obra⁵⁸. Por falar nisso — virou-se para mim, falando mais baixo —, já pensou em incluí-la na lista dos 33 utópicos que vão visitar a Nova Utopia em 2016? Acho que há duas Isabéis que têm mesmo de ir, a Gorujão e a Nespereira Leite. E também a Luísa Palato, claro. Conhece a atividade desse trio para a promoção da leitura e dos livros?

Esbocei um gesto de impaciência:

— Claro que conheço muito bem, e gostaria de as levar comigo, mas não pode andar a meter-me cunhas para levar este ou aquele! Estou mesmo a ver como vai ser a minha vida nos próximos dois anos...

Miguel Mark Hitlodeu viu que eu estava mesmo aborrecida, e por isso retomou a conversa.

— Sarmiento de Beires achava que os pilotos aviadores eram verdadeiros arautos do progresso, e que a aviação do mundo inteiro, unida, poderia servir de exemplo ao resto da humanidade⁵⁹.

O visitante utopiano virou-se para mim com uma oferenda de paz:

— Mas o que interessa certamente aqui à Professora — e agarrou-me com força o antebraço — é o texto utópico que Sarmiento de Beires fez publicar em 1926, *A Cidade do Sol*. É um livro notável, um caso de exceção na literatura utópica portuguesa — e eu diria que também até a nível da literatura utópica estrangeira.

O Afonso escutava o nosso visitante utopiano com atenção. Tínhamo-nos entretanto sentado nos sofás compridos, que convidavam à conversa, e o Afonso estendera-lhe nova chávena de café e a mim uma de chá.

— O Professor Pastos escreveu também sabiamente sobre o assunto⁶⁰. A utopia de Sarmiento de Beires causa perplexidade, pois oferece o retrato de uma sociedade cujas origens, desenvolvimento e isolamento dependem dos poderes metapsíquicos dos seus fundadores, em primeiro lugar, e, mais tarde, dos seus habitantes, que vão desenvolvendo iguais poderes com o tempo. Mais ainda: os poderes metapsíquicos são utilizados de forma eticamente questionável (embora sempre numa lógica de legítima defesa) para controlar os indivíduos que ameaçam destruir a pacífica Heliópolis. Mas o que causa mais espanto é que Sarmiento de Beires rotula a sociedade descrita de *socialista*. Sabemos que foi um grande defensor de uma sociedade justa e igualitária, que

sofreu as agruras do exílio por causa das suas convicções, e que teve inclusive de abandonar a aviação, mas Heliópolis reflete mais preocupações esotéricas do que propriamente de ordem económica e social.

— É então muito diferente do texto que Gambetta Neves faz publicar pouco depois, em 1933 — comentei.

— Ah, já leu *O Licor Vermelho*? E então, o que achou? — perguntou Miguel Mark Hitlodeu num atropelo.

— Tinha razão em insistir que eu lesse. Benditas fotocópias que me arranjou! Deu-me uma perspetiva totalmente diferente do utopismo português dessa época. Sabia que está bem visível, nas fotocópias que tenho do livro⁶¹, o carimbo dos Serviços de Censura à Imprensa, com data de 16 de março de 1937?

É um texto totalmente engajado, que revisita todos os *clichés* da literatura utópica inglesa que subscreve o anarquismo de Kropotkin. Achei piada ao enredo rebuscado do licor vermelho, essa bebida que induz os dois companheiros num sono letárgico de que acordam apenas 150 anos mais tarde! Bem à maneira de Bellamy...⁶² Mas a herança de William Morris também se faz sentir na forma como Gambetta Neves descreve a sociedade ordeira e feliz que é finalmente alcançada depois de a Revolução Russa de 1917 ter despertado as outras nações para uma revolução geral, ou ainda no facto de o crime ter sido erradicado, à exceção daquele que é cometido por motivos passionais. O caso do homem que estrangula a amada e que não é encarcerado, sendo-lhe em vez disso dado um período para reflexão e arrependimento, evoca de forma fiel a situação descrita por Morris em *News from Nowhere*. Mas há mais influências de utopistas ingleses que poderão ser detetadas, como por exemplo a roseta que todos os cidadãos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas têm de usar ao peito, e que evoca o *monitor silente* concebido por Robert Owen para encorajar ao trabalho árduo e ao comportamento exemplar⁶³.

Beberriquei da chávena de chá. Depois, continuei:

— A sociedade descrita por Gambetta Neves corresponde, de forma muito mais aproximada do que a que é descrita por Sarmento de Beires, à ideia coeva de socialismo-comunismo: libertados, pelo recurso à máquina, dos trabalhos pesados, os cidadãos só têm de trabalhar cinco horas diárias e têm dois meses de férias; a propriedade privada foi abolida, bem como o casamento; a mulher afirma-se como um ser tão inteligente, sensato e nobre como o homem; os filhos são educados pelo Estado... Só houve um aspeto que me espantou... o princípio eugénico da *seleção espartana*, baseado na prática de os médicos eliminarem à nascença os bebés que apresentem indiscutíveis defeitos congénitos⁶⁴.

Preparava-me para continuar, mas o Afonso, que entretanto se tinha levantado, estava já com o mapa na mão:

— E então, não vamos dar o nosso passeio?

A Helena entrou na sala, depois da sua incursão matinal na padaria-cafetaria-quiosque de Odeceixe, onde tinha ido comprar os jornais.

— Vão à vossa vontade, que eu trato do almoço dos miúdos — disse ela sorrindo. — Prometi ontem ao Bernardo que lhe ia preparar um prato especial.

Deixámos os jovens no sossego da casa. Deveriam acordar mais tarde, como acontece a quem tem vinte anos e sabe que tem muito tempo para viver. Nós aproveitávamos o mais que podíamos. Descemos em silêncio o monte, primeiro pela estrada de terra, depois pela estrada asfaltada que vem da praia da margem norte, até chegarmos à ribeira de Seixe e à ponte metálica que separa o Baixo Alentejo do Algarve⁶⁵. Foi talvez o sentido de fronteira que levou Miguel Mark Hitlodeu a tomar a palavra:

— Espertos, os vossos miúdos. Não aceitam o que se lhes diz sem antes questionarem, reverem criticamente, compararem com o que sabem... E abrem-nos as perspetivas... A lista que o Bernardo me deu de filmes utópicos e distópicos alertou-me para um mundo a que na Nova Utopia temos estado alheios. A nossa vida gira em torno dos livros, mas a ideia de utopia é representada por muitos outros meios. A música, a pintura, a escultura, também cumprem uma função utópica. Vou seguir a sugestão da Clotilde e pedir autorização ao governo administrativo para levar comigo não 333 livros, mas 333 itens utópicos... As canções de John Lennon que a Joana ontem nos cantou inspiraram-me a ter coragem para pedir mais. Gostava que a Professora incluísse muitos jovens na lista dos 33 visitantes que hão de ir à Nova Utopia assistir ao descerramento do busto do Professor Pina Martins em 2016...

Uma vez atravessada a ponte, tomámos a direção sul no cruzamento que indica Zambujeira de Baixo; seguimos cerca de 300 metros por um caminho ligeiramente enlameado e entrámos numa paisagem profundamente rural, com cabeças de gado pastando na erva húmida. Passados 21 minutos, saímos da estrada alcatroada. A consulta da carta militar fez o Afonso decidir-se por um caminho estreito, que subia e descia planaltos cobertos de árvores de grande porte. Tomámos depois um «pé posto» escorregadio, sombreado por árvores antigas, que nos levou até uma casa perdida, com a chave na porta. Nova consulta do mapa fez-nos dirigir ao Brejão. Só aí, durante a paragem que fizemos no Café Lateral para comermos uma sopa, é que retomámos a conversa.

— Isto é aquilo a que nos nossos dias chamamos uma boa sopa biológica — disse o Afonso pousando a colher e olhando através da janela para a vastidão dos campos cultivados.

Miguel Mark Hitlodeu sorriu e comentou:

— Comi uma sopa igualmente boa em casa do Professor José Mil Reis. Visitei-o anteontem — um utópico extraordinário! Ofereceu-me dois livri-

nhos que editou: *Irmânia*, de Ângelo Jorge, publicado em 1912, e *Redenção: Novela Naturista*, de Amílcar de Sousa, publicado onze anos mais tarde⁶⁶.

— Conheço bem os textos. Sabe que é por causa deles que sou vegetariana?

Perante a surpresa do meu interlocutor, expliquei:

— Quando li *Irmânia*, fiquei cheia de vontade de saber mais sobre Ângelo Jorge. Na Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto, encontrei vasta documentação sobre o Círculo de Vegetaristas do Porto, que me serviu de base a um pequeno estudo sobre o vegetarianismo em inícios do século passado⁶⁷. Encontrei textos não só de Ângelo Jorge e Amílcar de Sousa, mas também do distinto médico e pensador social Jaime de Magalhães Lima. Marcou-me, em particular, a leitura de um texto escrito por Henri Collière e traduzido por Ângelo Jorge: *O Vegetarismo e a Physiologia Alimentar*⁶⁸. O livro apresentava a carne como um alimento tóxico e excitante, cuja digestão engendra venenos. O que realmente repugnava era a descrição que nos era oferecida do processo de putrefacção microbiana da carne no intestino; nessa noite, não consegui comer carne; passou uma semana, passaram duas, e eu sempre sem a conseguir comer. Até hoje.

Pus a mão direita sobre o estômago e fiz uma careta. Continuei:

— O que é realmente interessante nas utopias de Ângelo Jorge e de Amílcar de Sousa, é que elas refletem a ideia, tantas vezes enunciada no âmbito de textos produzidos por membros do Círculo de Vegetaristas do Porto, de que a questão do vegetarianismo é essencialmente uma questão social. Mais do que um mero regime alimentar, estes autores viam no vegetarianismo a solução para os problemas da fome, da falta de higiene e de saúde pública e da falta de moralidade na sociedade. O vegetarianismo era pois a nota mais visível de uma atitude moral e de intervenção política, de uma autêntica filosofia dietética, terapêutica, económica, política, ética e social. No caso particular da utopia de Amílcar de Sousa, acresce o facto de vermos associada ao vegetarianismo a ideia da necessidade de defesa dos direitos dos animais.

Miguel Mark Hitlodeu calou-se por instantes. Perguntou-me depois:

— Os seus filhos são vegetarianos, Professora?

— A Joana diz que gostava de ser, mas tem o problema de não gostar muito de vegetais...

Miguel Mark Hitlodeu esboçou um sorriso.

— Já o Bernardo — continuei — adora comer carne. É aliás um cozinheiro de primeira.

— A Clotilde tem estado a fazer algumas experiências vegetarianas — atalhou o Afonso.

— O vegetarianismo é uma escolha moral — declarou Miguel Mark Hitlodeu. Não se pode impor a ninguém.

Levantámo-nos e seguimos caminho. Fizemos do Brejão à Azenha do Mar em 45 minutos em passo acelerado por causa do cheiro nauseabundo que emana das enormes estufas. Miguel Mark Hitlodeu não estava preparado para aquilo. Vituperou as multinacionais que invadem a natureza e apodrecem a terra com *químicas* engulhosas e foi o tempo todo calado, taciturno. Chegámos por fim à Azenha do Mar, percorremos as ruas com nomes de peixe, atravessámos a pequena ribeira e o suposto porto piscatório, e continuámos o caminho para sul, sempre a subir e a descer. A partir dali, sentimos a natureza a brincar connosco, a presentear-nos, de cada vez que subíamos, com um quadro ainda mais inesperado do que o anterior. Foram trinta minutos assim, de surpresa contínua, e se o fôlego alguma vez nos faltou não foi pelo esforço físico, mas pelo espanto de que nos sentíamos tomados. Foi nesse trajeto em que nos sentimos mais íntimos com a natureza que Miguel Mark Hitlodeu me anunciou a sua partida.

— Desço ainda hoje para Faro. Apanho lá o avião para Londres.

O Afonso chamou-me para junto dele, para me mostrar um rochedo com forma de barco afundado.

— Tenho dois livros para si em casa — declarei ao visitante utopiano quando se chegou a nós. Ambos com dedicatória dos autores. São os dois excelentes utópicos. Quero muito que os leia. O primeiro foi publicado em 2010; é de Jorge Telles de Menezes, *Novelos de Sintra*⁶⁹. Um livro magnífico; tenho a certeza de que vai gostar. De uma forma ou de outra, os quatro *novelos* que compõem o livro evidenciam que o caminho ecológico é a única solução possível. Soberbo, o retrato de uma Sintra que, estando aberta para o radicalmente novo, continuamente se transforma. O segundo *novelo*, em especial, explora a ideia da possibilidade de uma fase da vida pós-humana que supere a ideia de amor. O segundo livro que tenho para si tem também a ver com a ideia de amor: *Ara*, de Ana Luísa Amaral. Li-o numa só noite de uma assentada. É daqueles livros que nos ficam a ecoar na cabeça... A autora tinha-me asseverado que era uma utopia, e é-o verdadeiramente — uma utopia da linguagem, mas também, por arrastamento, de uma sociedade que não deixe que ninguém fique fora do círculo, e onde haja diferentes formas de viver o círculo. Conta a história de duas mulheres...

Respirei fundo e declamei:

Mas no que aprendi, tu não cabias. Nunca coubemos no que me ensinaram. Nunca me deram matéria verbal para falar de nós — por isso me confundo e falo do que sei há tantos anos. Desejando inventar palavras novas, formas novas, ao menos, de as juntar. Do amor que não é no centro desse círculo, o que posso eu dizer?⁷⁰

Olhei Miguel Mark Hitlodeu nos olhos, como se estivesse a fazer-lhe uma revelação importante:

— Leve esses livros consigo para a Nova Utopia. A utopia só faz sentido se a continuarmos a utopizar...

Tínhamos acabado de chegar à Ponta Branca, a norte da Praia de Odeceixe. O Afonso costuma dizer que é um lugar mágico, pois qualquer frase que queiramos compor para descrever o que vemos é imediatamente levada pelo vento. Por isso me cheguei para mais perto do nosso visitante utopiano e sosseguei-o, dizendo-lhe quase ao ouvido:

— Vou tratar da estátua do seu antepassado.

Sorriu para mim. Afastei-me até ao meu local preferido na Ponta Branca, um rochedo que costuma servir-me de encosto. O Afonso declamava ao nosso hóspede utópico o poema «O Direito ao Delírio», do visionário poeta Eduardo Galeano. E eu, no alto da Ponta Branca, a que apenas os utópicos sobem, pois o único ganho é a paisagem, com o olhar fixo na espuma das ondas — ou na *espuma dos dias* como se passou a dizer e a pensar depois de Vian —, disse baixinho para comigo:

— Vou ter saudades suas, Miguel Mark Hitlodeu.

NOTAS

¹ Adalberto Dias de Carvalho, «From Contemporary Utopias to Contemporaneity as a Utopia», *Utopia Matters: Theory, Politics, Literature and the Arts*, ed. Fátima Vieira & Marinela Freitas, Porto, Editora UP, 2005, p. 63-80.

² Henri Maler, *Convoiter l'impossible*, Paris, Albin Michel, 1995.

³ Estas três características poderão ser encontradas em outras obras coevas, como *L'île des Gauchers* de Alexandre Jardin (1999), e *Inglaterra, Uma Fábula* (1999) de Leopoldo Brizuela.

⁴ Todas as referências a Miguel Mark Hitlodeu e a Pina Martins são retiradas de *Utopia III: Relato em diálogo sobre o modo de vida educação usos costumes em finais do século XX do povo cujas leis e civilização descreveu fielmente nos inícios do século XVI o insigne Thomas More*, Lisboa, Editorial Verbo, 1998. J. de Pina Martins surge como o segundo autor, sendo o primeiro autor a personagem de ficção Miguel Mark Hitlodeu. A obra será sempre referida pelo seu título curto, seguido do número das páginas em causa. Por opção, tendo em conta a estrutura deste texto, não utilizarei aspas para assinalar os passos citados nem no que respeita a *Utopia III* nem no que se refere a outras obras aqui mencionadas.

⁵ *Utopia III*, p. 98.

⁶ Daniel Serrão, «Utopia III — Outra Vez Portugal», *Brotéria*, n.º 149, 1999, p. 186-8.

- ⁷ Fernando de Mello Moser, *Tomás More e os Caminhos da Perfeição Humana*, Lisboa, Vega, 1982. Diz Pina Martins sobre Mello Moser em *Utopia III*: «Chegámos a publicar os dois juntamente um trabalho sobre Thomas More, em gálico. Foi através dele que conheci melhor a *Utopia*» (p. 37).
- ⁸ José Vitorino de Pina Martins faleceu em Lisboa no dia 28 de abril de 2010, com 90 anos.
- ⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pina_Martins> (cons. em 9-1-2014).
- ¹⁰ Fátima Vieira, «Memory and Oblivion in *Utopia III*, by Pina Martins: The Missing Statue of Raphael Hythloday», *Dedalus: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 10, 2005, p. 123-31.
- ¹¹ *Utopia III*, p. 37.
- ¹² *Ibid.*, p. 11, 13, 22.
- ¹³ *Ibid.*, p. 5.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 165.
- ¹⁵ Mello de Mattos, *Lisboa no Ano 2000* [1904], ed. Pedro Vasconcelos, Sacavém, Distri Cultural, 1999. Há uma outra edição disponível no mercado, lançada pela Apenas Livros (Lisboa, 1998).
- ¹⁶ Idem, *ibid.*, p. 5-6, 9, 12, 27.
- ¹⁷ Cândido de Figueiredo, *Lisboa no Ano Três Mil. Revelações arqueológicas, obtidas pela hipnose e publicadas por Cândido de Figueiredo*, edição provisória [e única], Lisboa, Livraria Ferreira, 1892; reed., Lisboa, frenesi, 2003.
- ¹⁸ Sebastião José Ribeiro de Sá, *O Que Há-de Ser o Mundo no Ano Três Mil* [1859], introd., edição de texto e notas por Fátima Vieira, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2006.
- ¹⁹ Raymond Trousson, «Émile Souvestre et *Le Monde tel qu'il sera*», *De l'utopie à l'uchronie: formes, significations, fonctions. Actes du Colloque d'Erlangen, 16-17 oct. 1986*, ed. H. Hudde e P. Kuon, Tübingen, G. Narr, 1988, p. 133-4.
- ²⁰ Sebastião José Ribeiro de Sá, *Discurso Proferido no dia 15 de Outubro de 1842 na sessão solene aniversária da Sociedade Escolástico-Filomática de Lisboa pelo Presidente Sebastião José Ribeiro de Sá*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1842, p. 20-1, 26-8.
- ²¹ Ray Bradbury, *Fahrenheit 451* [1953], Mem Martins, Publicações Europa-América, 2011.
- ²² *Utopia III*, p. 405.
- ²³ Cândido de Figueiredo está sem dúvida aqui a parodiar a utopia de Edward Bellamy, *Looking Backward*, publicada em 1888, onde o narrador também se deixa hipnotizar (para conseguir dormir), acordando no futuro. O livro de Bellamy alcançou de imediato o sucesso internacional. A tradução portuguesa, de Pinheiro Chagas, data de 1891 (um ano antes da publicação do livro de Cândido de Figueiredo) com o título *D'Aqui a Cem Anos* (Lisboa, Companhia Nacional Editora), tendo sido lançada, nesse mesmo ano, uma segunda edição.
- ²⁴ Cândido de Figueiredo, *Lisboa no Ano Três Mil*, ed. cit., p. 10.
- ²⁵ «O visitante [das bibliotecas], ou o estudioso, consultava o listão-catálogo, e, tocando no botão de um aparelho eléctrico, fazia descer a obra que procurava: o rolo pousava numa grande mesa, onde se desenrolava, depressa ou devagar, segundo a pressão que o leitor exercesse no botão do aparelho. O aparelho estava em comunicação com uma lâmina metálica, à volta da qual se enrolava a obra, e com outra lâmina que correspondia à margem oposta. [...] Havia obra que daria um quilómetro: mas, ao ler-se, a lâmina exterior ia dobrando sobre si a parte lida; e, quando se chegava ao fim da primeira página, a lâmina interior, que então se descobria, realizava a operação da outra lâmina, para que se lesse a segunda e última página» (*ibid.*, p. 13).
- ²⁶ *Ibid.*, p. 21. São duas as razões que poderão ter levado Cândido de Figueiredo a considerar que o cavaleiro é «anónimo». Em primeiro lugar, o facto de o rei se ter recusado a posar para a

estátua, o que terá forçado o escultor Joaquim Machado a socorrer-se de retratos de D. José e a acentuar o capacete emplumado para desviar a atenção do rosto. Em segundo lugar, o facto de o reinado de D. José ter sido ofuscado pelo brilho do Secretário de Estado do Reino, Marquês de Pombal.

²⁷ *Ibid.*, p. 35.

²⁸ *Ibid.*, p. 41, 46, 57.

²⁹ Tzvetan Todorov, *Les Abus de la mémoire*, Paris, Arléa, 1998, p. 30-1.

³⁰ Cândido de Figueiredo, *ob. cit.*, p. 57.

³¹ *Ibid.*, p. 42.

³² Fidelino de Figueiredo, *Uma Viagem à Fobolândia (Quasi Novela)*, Porto, Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu, 1929.

³³ Sérgio Voronoff (1866-1951) foi um cirurgião francês de origem russa que se tornou famoso por prometer o retardamento do processo de envelhecimento — a que aderiram centenas de pacientes — através de transplantes de testículos. Num primeiro momento, os testículos transplantados eram retirados de criminosos executados, mas a procura foi tão grande que ele começou a recorrer a macacos.

³⁴ Fidelino de Figueiredo, *ob. cit.*, p. 4.

³⁵ *Ibid.*, p. 5.

³⁶ *Ibid.*, p. 7.

³⁷ Em *Um Intelectual na Fobolândia* (Coimbra, Angelus Novus, 2004), Pedro Serra identifica e comenta a importância da figura do intelectual no pensamento de Fidelino de Figueiredo. Cf. especialmente p. 9-21.

³⁸ Fidelino de Figueiredo, *Problemas de Ética do Pensamento: O Dever dos Intelectuais*, Lisboa, Academia das Ciências, 1936, p. 21.

³⁹ Silvestre Valente, *A Ditadura Feminista*, col. *Novela Contemporânea* (publicação quinzenal), dir. Jayme Lança, Lisboa, n.º 12, 1925.

⁴⁰ Cf. João Esteves, «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», *Revista Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, n.º 15. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/facesdeeva/eva_arquivo/revista_15/eva_arquivo_numero15_g.html> (cons. em 15-1-2014).

⁴¹ Cf. <<http://www.ceferreiradecastro.org/?id=2.3>> (cons. em 15-1-2014).

⁴² Em *Anarquismo e Neo-Realismo. Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século* (Lisboa, Âncora Editora, 2002), Ricardo Alves reflete longamente sobre o pensamento libertário de Ferreira de Castro. Eugénio Lisboa, assina o prefácio do livro, chama igualmente a atenção do leitor para a importância da ética anarquista do autor de *A Selva*. Cf. especialmente p. 9-11, 17, 111-8.

⁴³ Afonso Lopes Vieira, «Os Dois Sebastianistas», *Ilhas de Bruma*, Coimbra, F. França Amado, 1917, p. 23.

⁴⁴ Rui Miguel Saramago, *A Hora das Neblinas*, Lisboa, Âncora Editora, 2002.

⁴⁵ Desenvolvi estas ideias no artigo «Portuguese Literary Utopias: A Contribution to the Study of the Geography of Utopia», in Paola Spinozzi (org.), *Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: a Comparative Perspective*, Bolonha, Univ. de Bolonha, 2001, p. 55-73.

⁴⁶ Em *A Jangada de Pedra*, José Saramago atualiza, transpondo para o contexto cultural português do século xx, o culto do utopismo iberista que marcara o século anterior. O livro relata a forma como uma grande fenda, que se abre nos Pireneus, transforma a Península Ibérica numa ilha que navega, primeiro em direção aos Açores, depois em direção ao Canadá, acabando por se fixar entre a África e a América do Sul. Saramago explora pois no seu livro a crença messiânica oitocentista de que Portugal e Espanha partilham um destino comum, ao mesmo tempo que

intervém no debate político coevo, num momento em que o país se prepara para aderir à CEE, isto é, a países com os quais, na perspetiva de Saramago, nada tinha em comum.

- ⁴⁷ José Saramago, *O Conto da Ilha Desconhecida*, desenhos de Pedro Cabrita Reis, Lisboa, Pavilhão de Portugal Expo' 98/Assírio & Alvim, 1997, p. 13.
- ⁴⁸ Cito aqui livremente do verbete de José Eduardo Reis intitulado «Fernando Pessoa et Agostinho da Silva: Le Portugal nation messianique», in Vita Fortunati & Raymond Trousson, avec la collaboration de Paola Spinozzi (org.), *Histoire Transnationale de l'Utopie Littéraire et de l'Utopisme*, Paris, Honoré Champion, 2008, p. 1259-62.
- ⁴⁹ Conversa privada com Fredric Jameson durante o congresso anual da Society for Utopian Studies em Charleston, EUA (nov. 2013).
- ⁵⁰ *Utopia III*, p. 381.
- ⁵¹ *Ibid.*, p. 302.
- ⁵² Diz Rafael (e o seu amigo Pedro Lobo anota num bloco): «Temos uma pátria que já não há e somos de uma pátria que ainda não é.» Cf. Manuel Alegre, *Rafael. Romance*, 2.ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2004, p. 15.
- ⁵³ António José Saraiva, Carlos L. Medeiros, José Baptista, «Raiz & Utopia», *Raiz e Utopia*, n.º 1, primavera 1977, p. 15; reproduzido in AA. VV., *Raiz e Utopia. Memória de Uma Revista 1977-1981. Antologia*, Lisboa, Centro Nacional de Cultura, 2006.
- ⁵⁴ Mário Zambujal, *Uma Noite não São Dias*, Lisboa, Editorial Planeta, 2009.
- ⁵⁵ Virgílio Martinho, *O Grande Cidadão*, Lisboa, Plátano Editora, 1976, p. 151.
- ⁵⁶ Site oficial de Tamera: <<http://www.tamera.org/what-is-tamera>> (cons. em 15-1-2014).
- ⁵⁷ *Apud* Guilherme d'Oliveira Martins, «Raiz e Utopia — 30 Anos. Um Sentido Futurante...», in AA. VV., *Raiz e Utopia*, ed. cit., p. 22.
- ⁵⁸ Isabel Morujão, «Sarmento de Beires — Ensaio de uma Bibliografia», in José Manuel Sarmento de Beires, *A Cidade do Sol* [1926], ed. Jorge Bastos da Silva e Isabel Morujão, Porto, Afrontamento, 2011, p. 17-35.
- ⁵⁹ Citado livremente do texto de Sarmento de Beires *Aviação Elementar*, de 1944 (*apud* Isabel Morujão, *ob. cit.*, p. 19).
- ⁶⁰ Jorge Bastos da Silva, «A Cidade do Sol e a Tradição da Utopia», in Sarmento de Beires, *A Cidade do Sol*, ed. cit., p. 5-16.
- ⁶¹ Fotocópias do original que se encontra na Biblioteca Nacional.
- ⁶² O protagonista de *Looking Backward*, depois de ter caído, em 1887, num sono profundo induzido por hipnose, acorda 113 anos depois, no ano 2000. No caso do romance de Gambetta Neves, a cor do licor evoca claramente a perspetiva comunista.
- ⁶³ O «monitor silente» de Robert Owen era um bloco de madeira com as faces pintadas de cores diferentes, que era pendurado junto ao posto de trabalho de cada operário. A cor exposta era indicativa da produtividade do trabalhador: o branco era reservado para o trabalho excelente, o amarelo para o trabalho razoável, o azul devia ser encarado como uma advertência e o preto como sinal de um claro descontentamento. Na sociedade do futuro descrita por Gambetta Neves, a roseta dada inicialmente a todos os cidadãos é de cor azul, mas eles poderão vir a merecer a vermelha (se derem provas de dedicação e bom trabalho) ou a fita de prata (se contribuírem para a sociedade com um grande invento), sendo a roseta amarela reservada para as pessoas de comportamento questionável e a preta para os criminosos. Cf. Gambetta Neves, *O Licor Vermelho*, Lisboa, Livraria Renascença, 1933, esp. p. 84-5.
- ⁶⁴ Os aspetos citados são descritos essencialmente nas p. 91-9 de *O Licor Vermelho*.
- ⁶⁵ Percorri o trajeto descrito, num total de 21 quilómetros, com um grupo de amigos em dezem-

bro de 2013. Miguel Mark Hitlodeu esteve sempre presente no meu pensamento. A descrição que faço é inspirada no relato informado de Henrique Real (disponível em <<http://alvesecia.blogspot.pt/2014/02/passeio-de-inverno.html?m=1>>; cons. em 1-2-2014).

⁶⁶ Ângelo Jorge, *Irmânia: Novela Naturista* [1912], ed. José Eduardo Reis, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2004. Amílcar de Sousa, *Redenção: Novela Naturista* [1923], ed. José Eduardo Reis, Porto, Afrontamento, 2011.

⁶⁷ Fátima Vieira, «A fotografia como prova documental da robustez dos vegetarianos, vegetarianos e frugívoros», *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 5 (2006).

⁶⁸ Nesta obra, Henri Collière traça de forma clara a distinção entre os diferentes regimes alimentares anti-carnívoros: o fructarismo (exclusivamente à base de frutos crus), o vegetalismo (que admite o princípio da preparação dos alimentos, desde que sejam de origem vegetal; corresponde ao regime alimentar a que vulgarmente chamamos vegetariano) e o vegetarianismo (que inclui, para além dos vegetais, também os ovos, o leite e os seus derivados). Cf. *O Vegetarismo e a Physiologia Alimentar*, Porto, Sociedade Vegetariana de Portugal, 1911, p. 77-85.

⁶⁹ Jorge Telles de Menezes, *Novelos de Sintra*, Porto, Afrontamento, 2010.

⁷⁰ Ana Luísa Amaral, *Ara*, Porto, Sextante Editora, 2013, p. 73-4.